

# TRABALHO E SAÚDE NA AGRO-INDÚSTRIA SUCROALCOLEIRA ALAGOANA

*Charles dos Santos\**

**Resumo:** O presente trabalho intenta discutir a vinculação entre as condições de saúde dos cortadores de cana alagoanos e o modo como esses mesmos trabalhadores estão inseridos no processo produtivo da agroindústria sucroalcooleira. Incluindo-se numa tradição crítica dos modelos tecnicista e biológico em saúde do trabalhador, os quais não fazem as necessárias conexões entre a enfermidade do sujeito que trabalha e as relações sociais de produção, a pesquisa aqui introduzida parte da ideia de que o trabalhador adoecce também por conta da maneira como se organiza e se realiza o trabalho que ele desempenha para sobreviver. Com base em um esquema de análise que procura contemplar o indivíduo em sua completude, isto é, que leva em conta na observação da relação saúde-doença entre os trabalhadores os aspectos biológico, psíquico e social, espera-se, com este estudo, levar a Sociologia a contribuir de forma lúcida e crítica para o debate acerca do vínculo causal entre as formas de trabalho na contemporaneidade e o adoecimento dos trabalhadores. A metodologia adotada nessa pesquisa procurou contemplar tanto entrevistas semiestruturadas com trabalhadores canavieiros dos municípios alagoanos de Maceió (em 2009), Rio Largo (em 2007) e Teotônio Vilela (em 2008 e 2009), quanto a imersão em fontes bibliográficas referentes à temática do trabalho nos canaviais; além disso, foi de grande auxílio para o pesquisador o uso de dados de ordem secundária, como documentos disponibilizados por órgãos públicos e privados relacionados à vida laboral no Complexo Agroindustrial Canavieiro de Alagoas.

**Palavras-chave:** Alagoas (Brasil). Cortadores de cana. Saúde-enfermidade.

Work and health conditions in Alagoas sugarcane agribusiness

**Abstract:** This paper attempts to discuss the relationship between the health conditions of sugarcane cutters from Alagoas and the way these workers are included in the process of production of sugarcane agribusiness. As part of a critical tradition of the technical and biological models in occupational health, which do not make the necessary connections between the disease of the worker and the social relations of production, the research introduces the idea that the worker is also sick because of the way the work he does to survive is organized and accomplished. This study is based on a scheme of analysis that seeks to address the individual in its entirety, that is, that takes into account the observation of the relationship between health and disease among the employees' biological, psychological and social aspects. It is expected, with this study, that Sociology will contribute lucid and critically to the debate about the causal link between the forms of work in contemporary times and the illness among workers. The methodology adopted in this research included both semi-structured interviews with sugarcane cutters in the towns from Alagoas, Maceió (in 2009), Rio

---

\* Mestrando do programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) charlagoana@hotmail.com

Largo (in 2007) and Teotônio Vilela (in 2008 and 2009), and the literature review; moreover, it was of great assistance to the investigator the availability of secondary data such as documents provided by public and private agencies linked to working life in Sugarcane Agroindustrial Complex from Alagoas.

**Keywords:** Alagoas (Brazil). Sugarcane cutters. Health-illness.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo está ligado a uma série de atividades desenvolvidas pelo autor como membro do Grupo de Pesquisa do CNPq “Trabalho e Capitalismo Contemporâneo” e, ainda, como bolsista do Programa de Iniciação Científica CNPq/UFAL/FAPEAL, no projeto de pesquisa “O ‘canguru’ no universo canavieiro alagoano: produtividade e precarização do trabalho na agroindústria sucroalcooleira”, sob a orientação da professora Dra. Alice Anabuki Plancherel.

A pesquisa procura mostrar de que modo o trabalho no corte da cana, tal como é realizado na atualidade no Brasil, e de modo particular em Alagoas, incide sobre as condições de saúde dos canavieiros. Visando alcançar esse objetivo, foi necessário empreender uma análise do processo produtivo de que o cortador de cana faz parte, isto é, buscou-se uma compreensão dos fatores de ordem externa e interna presentes no ambiente laboral daquele trabalhador, os quais podem atuar diretamente na relação saúde-doença. A literatura corrente tem chamado esses fatores de “cargas laborais” (ALESSI; NAVARRO, 1997).

### 1 AS “CARGAS LABORAIS” ATUANTES NO CORTE DE CANA COMO ELEMENTOS PREDISPOSTOS À ENFERMIDADES

De acordo com o sociólogo francês Bernard Lahire (2004), é impossível, numa entrevista, falar de trabalho, sociabilidade e família sem versar também com o entrevistado a respeito de sua saúde, alimentação e práticas de esportes, dentre outros aspectos. Mesmo que à primeira vista pareçam tópicos pertencentes a universos distintos e distantes, quando há um detalhamento das práticas é possível perceber que há mais entrelaçamentos do que se imagina.

Dessa forma, interrogar o trabalhador cortador de cana a respeito de seu trabalho uma hora ou outra trará à tona uma discussão sobre suas condições de saúde, as quais são, e muito, afetadas pelo processo de produção de que faz parte. Tal processo faz que o canavieiro alcance o limite de sua resistência físico-psíquica, o que lhe traz uma série de problemas notórios

tanto no curto quanto no longo prazo. Isso acontece porque, como assinalou Marx, ao capital não interessam os limites de vida da força de trabalho. O que conta apenas é o máximo de dispêndio de trabalho que alguém possa realizar, não havendo nenhum inconveniente em abreviar a vida daquele que trabalha ou gerar danos incontornáveis a seu corpo (MARX, 1973, v. I, p. 208). Isso é bastante válido no caso dos trabalhadores que gastam suas energias cortando cana, pois, como afirma a socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva, os mesmos têm uma vida útil menor do que aquela que tinham os escravos.<sup>1</sup>

Para entender as consequências do trabalho nos eitos<sup>2</sup> na saúde do cortador de cana é preciso, antes de tudo, entender aquele processo de produção do qual ele faz parte. Apenas dessa forma é possível compreender como as “cargas laborais” agem sobre o organismo dos sujeitos, fazendo-os apresentar uma série de enfermidades e em alguns casos trazendo-lhes até a morte. Conforme apontam Alessi e Navarro (1997), o início desse processo dá-se quando o cortador acorda e se prepara para tomar o veículo que o levará até o local de trabalho. Em relação àqueles trabalhadores casados, as esposas também acordam cedo para preparar a refeição que os mesmos farão durante o dia. Algumas acordam até bem antes dos maridos e, além de terem a incumbência de preparar a “marmita”, também ficam responsáveis por despertá-los. O final do processo, continuam as autoras, dá-se quando do retorno ao lar e este pode ser a casa do canavieiro, um alojamento ou uma pensão (ALESSI; NAVARRO, 1997, p. 116).

No local de trabalho o canavieiro se depara com um rol de fatores que trazem prejuízos para a sua saúde. Além do calor que se intensifica no decorrer do dia, há o contato direto com a poeira e a fuligem da cana queimada. Essa fuligem impregna seu rosto, suas mãos e suas roupas, podendo provocar também sérios problemas respiratórios. Para alguns, como fora relatado nas entrevistas, o próprio cheiro<sup>3</sup> da cana queimada pode constituir-se um problema, pois retira do canavieiro sua vontade de comer e, sem comer, fica mais frágil sob a intensidade do trabalho que realiza. Esses elementos fazem parte daquilo que a literatura referente ao objeto saúde-doença no universo laboral alcunhou “cargas laborais”. Sabido o significado da expressão, poderá ser visto que, ao redor do cortador de cana e também “dentro” dele – em sua subjetividade – há muitos elementos que contribuem

<sup>1</sup> De acordo com a mencionada socióloga, a busca por uma maior produtividade provoca um elevado desgaste físico, o qual encurta o ciclo de trabalho na atividade (apud ZAFALON, 2007).

<sup>2</sup> É assim que os trabalhadores canavieiros se referem ao local de trabalho. Se no período do sistema de moradas a expressão “trabalhar no eito” dizia respeito ao trabalho realizado não para si, mas para o dono da propriedade, atualmente “trabalhar no eito” tem a ver simplesmente com o trabalho nos canaviais (HEREDIA, 1988).

<sup>3</sup> Conforme entrevistas realizadas em 11/04/2009 com canavieiros da cidade de Teotônio Vilela/AL, distante 100 km de Maceió.

para um desgaste físico e mental bastante acentuado. Ainda conforme Alessi e Navarro (1997), as cargas laborais são o conjunto formado pelos fatores externos – que podem ser físicos, químicos, mecânicos e biológicos – e internos – que por sua vez podem ser fisiológicos e psíquicos – os quais interagem entre si e com o ser humano, podendo ou não desencadear padrões de desgastes específicos (ALESSI; NAVARRO, 1997, p. 113).

Em relação aos fatores externos, apenas alguns de seus constituintes foram relatados, a saber: o forte calor<sup>4</sup> sentido nos canaviais, o contato constante com a poeira e a fuligem proveniente da cana queimada e o cheiro enjoativo desta. Além disso, há o risco de acidentes com animais peçonhentos e de intoxicação por agrotóxicos, entre outros. A respeito dos fatores internos, podendo esses serem fisiológicos e/ou psíquicos, pode-se citar tanto o fato de o indivíduo já chegar ao local de trabalho fragilizado por conta de alguma enfermidade ou desprovidimento dos nutrientes necessários ao bom funcionamento do organismo quanto a “pressão” que há sobre ele por parte dos prepostos da usina, que cobram o máximo de produtividade sem se importarem com as condições de saúde do trabalhador, como recorde Marx (1973, vol. I, p. 208).

Em entrevistas realizadas com canavieiros da cidade de Teotônio Vilela/AL,<sup>5</sup> viu-se que é uma prática um tanto comum ir ao trabalho mesmo com algum problema de saúde. Conforme os relatos, há casos em que a pessoa vai enferma para o ambiente de trabalho e tenta realizar, sem que os superiores notem as marcas da enfermidade, os mesmos procedimentos que realiza quando está em condições de saúde mais favoráveis. Entretanto, como é de se esperar, é impossível para um cortador de cana que se encontra doente alcançar a mesma produtividade daqueles dias em que contava com uma maior “disposição para o serviço”. Se um trabalhador chega a cortar sete toneladas por dia com as ditas condições de saúde mais favoráveis, quando está doente sua produtividade baixa para quatro ou três toneladas de cana cortadas. Como ele recebe por produção, isto é, por tonelada de cana cortada, além de ganhar pouco naquele dia, também poderá se agravar mais ainda seu quadro de saúde.

Tendo tratado sucintamente de alguns “fatores internos fisiológicos” – o fato de a pessoa já ir doente para o local de trabalho e a ausência, em seu organismo, de nutrientes essenciais para uma vida sadia – resta agora tratar daqueles fatores internos de ordem psíquica. Conforme Marx afirma em *O Capital*, a força de trabalho ou capacidade de trabalho deve ser compreendida como “o conjunto das faculdades físicas e mentais existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais ele põe em ação

---

<sup>4</sup> É lícito mencionar que o período da safra em Alagoas vai – geralmente – de setembro a fevereiro ou março, época do ano em que as temperaturas são bastante elevadas em todo o Estado.

<sup>5</sup> Entrevistas realizadas em 11/04/2009 naquele município.

toda vez que produz valores-de-uso de qualquer espécie” (2003, vol. I, p. 197). Depreende-se dessa afirmação que no processo de trabalho o indivíduo desgasta tanto a sua capacidade física quanto mental. À medida que desgasta seus músculos também tem afetado seu sistema nervoso, fato que pode desencadear enfermidades de perfil psicossomático e psíquico. Como um “fator interno psíquico”, que compõe o conjunto das “cargas laborais” presentes na atividade do corte da cana, pode-se citar a “pressão” constante que há sobre os trabalhadores para que produzam cada vez mais. Na verdade, não apenas isso, mas, sim, todo o leque de exigências feitas ao cortador de cana, as quais não exigem apenas um maior esforço de seu corpo, mas também de sua mente – um e outro andam juntos, são indissociáveis. Pode-se dizer que uma forma de lidar com isso é o uso de bebidas alcoólicas e/ou tabaco, que, sendo buscados como meios de liberação de tensões, podem, além de causar danos à saúde do trabalhador, colocá-lo numa situação problemática junto aos prepostos da usina.<sup>6</sup>

## 2 A SOCIOLOGIA E A CRÍTICA AO “MODELO BIOLÓGICO” EM SAÚDE DO TRABALHADOR

Após a apresentação de alguns dados referentes à composição das “cargas laborais” que incidem sobre o trabalhador canavieiro e, de modo específico, sobre aquele de Alagoas, é lícito incluí-las no debate acerca do processo saúde-doença no universo laboral, que vem sendo travado nos últimos anos não só por especialistas ligados à área da saúde, mas também por aqueles provenientes das ciências humanas e sociais, particularmente da Sociologia.

A Sociologia tem se preocupado em demonstrar que a enfermidade deve ser encarada como um estado que não tem sua existência ligada apenas a fatores biológicos. Essa disciplina tem proposto uma visão mais abrangente do ser humano, a qual contempla sua estrutura psíquica e social, devendo esses fatores também serem levados em consideração na análise do adoecimento. Essa proposta vai de encontro ao “modelo biológico”, que ignora a etiologia da doença quando faz uma abstração do aspecto psíquico e do entorno social, conformando-se apenas em descrever suas características. De acordo com Alvarez e Infante:

El hombre, en el modelo biológico, es considerado un cuerpo enfermo sobre el cual actúan exclusivamente procesos físico-químicos o biológicos. Esta teoría

<sup>6</sup> Foi relatado nas entrevistas que uma grande preocupação dos cabos é o absenteísmo durante as festas de fim de ano. Segundo um cabo ligado à Usina Seresta, localizada em Teotônio Vilela/AL, o absenteísmo nesse período é a principal causa de demissões (entrevista realizada em 13/12/2009 naquele município). Hipoteticamente, pode-se afirmar que uma boa parte dessas faltas estão relacionadas ao abuso no consumo de álcool.

aísla al hombre de su contexto social y lo somete a un papel pasivo y subordinado. En este sentido los estudios sobre la salud realizados en el campo de las ciencias sociales han permitido encontrar relaciones causales en los problemas de salud, los cuales van más allá de las determinaciones biológicas<sup>7</sup> (1987, p. 92).

O erro do “modelo biológico”, como demonstram Alvarez e Infante (1987), é deixar de lado, na análise do processo saúde-doença, o fato de o homem ser uma estrutura biopsicossocial. É claro que o ser humano deve ser reconhecido como um organismo fisiológico; isso não deve ser menosprezado por uma concepção que pretenda tomá-lo como ser integral; entretanto, não se pode deixar de notar que esse organismo está articulado com uma estrutura social, a qual dá sentido à sua existência (ALVAREZ; INFANTE, 1987, p. 93).

Os autores sustentam ainda que, sendo o homem um organismo em constante interação com o meio em que habita, tem seu desenvolvimento mental e corporal atrelado às condições concretas do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade em que vive. Para eles, portanto, o desenvolvimento físico e mental dos homens depende do momento histórico por que passa a sociedade (ALVAREZ; INFANTE, 1987, p. 96).

Assim como Soriano (2009), os estudiosos citados no parágrafo anterior também acreditam que os perfis de saúde-doença são distintos em sujeitos pertencentes a classes diferentes. Retornando ao objeto desta pesquisa e como recurso de exemplificação, não se pode afirmar que o proprietário da usina “adoece da mesma forma” como adoece um cortador de cana; e caso isso viesse a ocorrer, a realidade bem o demonstra que ele, o proprietário da usina, não recebe o mesmo atendimento médico que o trabalhador canavieiro. Os dois encontram-se em situações econômicas, sociais e culturais bem diferentes e isso se reflete em sua saúde, fato que é obscurecido por tendências médico-científicas despreocupadas com a posição sócio-econômica dos sujeitos na sociedade.

Souto (2003) também argumenta que o processo saúde-doença não pode ser analisado sem se levar em conta as condições de vida das pessoas. De acordo com ele, há três fatores que agem como “bases da enfermidade”, quais sejam, os fatores ecológicos, os biológicos e os socioeconômicos. Os fatores ecológicos dizem respeito, entre outras coisas, aos aspectos geográficos, climáticos, de habitação e poluição. Os biológicos, que por seu turno podem ser animados ou inanimados, incluem coisas vivas e seus produtos<sup>8</sup> e também os elementos nutritivos necessários à vida do ser humano.

<sup>7</sup> O homem, no modelo biológico, é considerado um corpo enfermo sobre o qual atuam exclusivamente processos físico-químicos ou biológicos. Essa teoria isola o homem de seu contexto social e o submete a um papel passivo e subordinado. Nesse sentido os estudos sobre a saúde realizados no campo das ciências sociais têm permitido encontrar relações causais nos problemas de saúde, os quais vão além das determinações biológicas.

<sup>8</sup> De acordo com Souto (2003), os agentes patológicos formam o maior grupo entre os fatores biológicos, e podem incluir microorganismos, como as bactérias e os vírus.

Em relação a estes últimos, nos quais se incluem não apenas as gorduras, os carboidratos e as proteínas, mas também substâncias específicas como os aminoácidos, o já mencionado autor afirma que “[...] a redução, a falta ou a superabundância de uma substância específica ou classe de substância podem resultar diretamente em doença.” (SOUTO, 2003, p. 27).

Já sobre os fatores socioeconômicos, o autor sustenta que esses são considerados os componentes mais relevantes do meio ambiente total. São fatores que têm uma importância muito considerável tanto na causalidade quanto no controle das doenças. Os mesmos podem ser considerados com base nos seguintes aspectos: a) eles podem criar ou favorecer uma predisposição para a enfermidade; b) podem causar diretamente a doença; c) podem facilitar as causas das enfermidades e d) podem influenciar a evolução de uma enfermidade (ROGERS apud SOUTO, 2003, p. 27-28). A relação entre uma dada enfermidade e os traços socioeconômicos podem ser mais ou menos evidentes.

O que se nota é uma ligação bastante acentuada entre todos os elementos aqui elencados. Em muitos casos é a condição socioeconômica do sujeito que o leva a se deparar com fatores ecológicos bastante nocivos à sua saúde. Da mesma forma, é também devido a isso que os fatores biológicos se tornam elementos “facilitadores” de enfermidades.

Para Souto (2003), a saúde não é algo simplesmente dado. É, isso sim, um fenômeno social e cultural, também técnico e, por fim, político (p. 33). O homem e/ou a mulher que adoecem não são pessoas isoladas. Estão inseridas em uma sociedade, na qual desempenham certas atividades e estão constantemente interagindo com os demais. Logo, pode-se afirmar que o homem é “um ser em relação”, podendo ele ser explicado por sua situação e por suas possibilidades, isto é, ele é tanto um produto de seu passado como também é uma pessoa que se constrói continuamente em relação social (ALVAREZ; INFANTE, 1987, p. 99).

Também Marx percebeu que o homem é um ser social e, mais, que a base da sociedade é o conjunto formado pelas relações de produção (1973). Dessa forma, o trabalho é o elemento central da vida social, aquilo que constitui sua fundamentação ontológica. A existência dos indivíduos é transpassada por esse elemento, e como bem recorda Soriano (2009), o trabalho, como categoria social, está presente em todos os âmbitos de sua vida. Com isso, mesmo que a atividade laboral acabe, seja numa fábrica seja num canal, seu vestígio se estende até as relações familiares e as esferas da política, da arte, da ciência, da recreação e da saúde (p. 16-17). A tese aqui defendida é a de que o cortador de cana tem sua vida física e espiritual bastante debilitada devido ao “serviço pesado” (SANTOS, 2009) que realiza nos eitos, em que o capitalista, desdenhando as condições de saúde da força de trabalho empregada, leva a cabo formas de maximização do lucro bastante nocivas ao trabalhador.

### 3 A INSALUBRIDADE DO AMBIENTE LABORAL E SEUS EFEITOS NA DISPOSIÇÃO FÍSICA E PSÍQUICA DO CORTADOR DE CANA

Não é de hoje que alguns sociólogos têm se interessado em mostrar a influência que os locais de trabalho exercem sobre a saúde dos trabalhadores. Marx e Engels foram, pode-se afirmar com Soriano (2009), os precursores desses estudos e mostraram, em livros, artigos e outros tipos de produção científica, o quanto os operários de seu período traziam em seus corpos e suas mentes a marca de uma atividade laboral intensa e desprovida das condições mínimas necessárias para uma vida saudável. Engels, só para citar um exemplo, escreveu que “[...] *os médicos encuentren, en los obreros de las fabricas, particularmente una gran falta de resistencia contra las enfermedades, una depresión general de todas las fuerzas físicas y Morales*”.<sup>9</sup> (ENGELS, 1977, p. 190-191). Essa falta de resistência, a que se refere Engels, resulta de um processo de trabalho desgastante em um ambiente laboral marcado pela precariedade, em que há dificuldades as mais diversas, seja para se mover com uma maior liberdade, seja para poder respirar de forma mais adequada.

Retomando a tese de Marx de que ao capitalista não interessam as condições de vida e de saúde do seu trabalhador (1973, vol. I, p. 208), é importante apresentar aqui alguns dados que, mostrando a situação em que se encontram os cortadores de cana em seu ambiente laboral, evidenciem também a validade da assertiva marxiana a respeito da relação trabalho-saúde-enfermidade acima colocada. Alguns trabalhadores do corte da cana-de-açúcar chegam a ouvir dos prepostos da usina um sonoro “se vire”<sup>10</sup> quando ousam romper o silêncio e expressam seu desejo por mudanças frente às condições degradantes de trabalho. Esse desinteresse da parte do capitalista só reforça a ideia de que a ele não importa o estado em que se encontra o sujeito que vende sua força de trabalho, mas tão somente o lucro que este é capaz de proporcionar.

Conforme Alessi e Navarro,

É impossível negar o quanto o trabalho do cortador de cana é árduo. É um trabalho que, além de expor o trabalhador a toda sorte de intempéries, como a maioria dos trabalhos rurais ([...] expô-lo ao risco de acidentes com animais peçonhentos, intoxicações por agrotóxicos, entre outros), submete-o a ritmos acelerados na medida em que o ganho, geralmente, dá-se por tarefa realizada (1997, p. 16).

<sup>9</sup> Os médicos encontram nos operários das fábricas, particularmente, uma grande falta de resistência contra as enfermidades, uma depressão geral de todas as forças físicas e morais.

<sup>10</sup> Cf. “PRT intervém, fecha acordo, e trabalhadores liberam rodovia”, PRT, 19ª Região, Alagoas, 2007.

Além desses elementos apontados pelas autoras, é lícito acrescentar também os problemas causados pelo contato direto com a poeira e a fuligem proveniente da queima da cana. Faz-se necessário mencionar ainda o descaso que algumas unidades produtoras de açúcar e álcool apresentam quando se trata de garantir a segurança de seus trabalhadores rurais e, de modo particular, dos cortadores de cana. Recentemente foi realizada em Alagoas a Operação Zumbi dos Palmares, em que uma força-tarefa do Ministério Público do Trabalho (MPT) flagrou uma série de irregularidades no que se refere às condições de vida e de trabalho dos cortadores de cana. Apesar de ter a força-tarefa mostrado de modo claro a situação precária em que esses trabalhadores se encontram em seu ambiente laboral, as mudanças exigidas com base nela ainda caminham a passos lentos, acabando muitas vezes a própria justiça por beneficiar aqueles que contribuem para a apresentação desse quadro preocupante.<sup>11</sup>

Até aqui foi mostrado, de forma resumida, tudo aquilo que compõe as chamadas “cargas laborais” presentes no local de trabalho do canavieiro. Há que se adentrar nesses elementos e mostrar de forma mais radical os problemas causados por tais cargas no corpo e na mente do trabalhador.

Chamaram a atenção durante a pesquisa de campo alguns relatos dos cortadores de cana sobre a fuligem. A fuligem ou pó da cana, que provém justamente da queima desta, pode trazer problemas de saúde não só para quem está no canavial, mas também para quem mora perto das plantações (GONÇALVES, 2008). O contato do trabalhador com a fuligem pode provocar desde enjoos até problemas considerados mais sérios, como a própria tuberculose.<sup>12</sup> O enjoo pode resultar da inalação do pó aliada ao seu cheiro, o que deixa o trabalhador em alguns casos até sem vontade de comer. Além disso, há o risco de o pó entrar nos olhos do cortador de cana, causando irritação e ferimento.<sup>13</sup>

Outro problema causado pela queima da cana é o fato de a palha da mesma se tornar “mais amolada que um facão” – na fala de um canavieiro – e ferir os olhos e/ou a pele do trabalhador. Isso pode acontecer caso o trabalhador não esteja usando o equipamento adequado para sua proteção, seja por achar o mesmo desconfortável, seja pelo fato de a usina não fornecer, pois, como afirmam Alessi e Navarro,

---

<sup>11</sup> Cf. “Juiz dá prazo à usina Santa Clotilde enquanto trabalhador sofre maus tratos”, PRT, 19ª Região, Alagoas, 2008.

<sup>12</sup> Cf. Migrantes, 2007.

<sup>13</sup> Trabalhadores canavieiros do município de Teotônio Vilela/AL afirmaram que geralmente a usina fornece um par de óculos e o substitui em caso de desgaste. Se o trabalhador vier a perdê-los, ele tem que comprar com seu próprio dinheiro. A Operação Zumbi dos Palmares encontrou algumas irregularidades no fornecimento de óculos e outros Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) por parte das usinas. A falta de fornecimento desses equipamentos só torna as condições laborais dos canavieiros mais arriscadas. Cf. “PRT encerra protesto de cortadores de cana após fechar acordo usina”, PRT, 19ª Região, Alagoas, 2007.

Apesar da obrigatoriedade do fornecimento de equipamentos de proteção, [...] nem todos os empregadores rurais a observam. E, mesmo quando estes equipamentos estão disponíveis, a inadequação dos mesmos acaba constituindo em outras cargas laborais. (1997, p. 116).

Quando as empresas deixam de fornecer esses equipamentos a seus trabalhadores, o que os torna mais vulneráveis aos riscos inerentes à profissão, há não somente um desrespeito aos direitos trabalhistas conquistados em anos de luta, mas também um desrespeito aos próprios direitos humanos fundamentais, como demonstra Garcia (2007), quando afirma que

[...] Importantes direitos trabalhistas, diretamente relacionados à Segurança e Medicina do Trabalho fazem parte dos direitos sociais, os quais também figuram como *direitos humanos fundamentais*, normalmente conhecidos como de ‘segunda geração’ ou ‘dimensão’.” (grifos originais) (p. 49).

Devido a essas condições de trabalho – e à prática laboral excessiva –, o cortador de cana passa a transpirar excessivamente, o que faz que seu corpo perca bastantes sais. É essa perda de sais no organismo um dos elementos geradores da câimbra, conhecida em Alagoas como “canguru” (PLANCHEREL et alii, 2010). Segundo canavieiros entrevistados no município de Teotônio Vilela/AL,<sup>14</sup> o nome se deve ao fato de os trabalhadores se contorcem por conta da dor, que é muito forte, ficando em uma posição corporal que lembra a daquele animal. De fato, a câimbra começa a surgir nas mãos, as quais ficam travadas. Depois ela atinge as pernas até tomar o corpo todo (NOVAES, 2007, p. 172). Se o trabalhador acometido pela câimbra não for atendido imediatamente ele pode morrer, pois a cada minuto que passa a dor só aumenta (idem). Conforme relatos dos próprios trabalhadores, há casos em que o canavieiro deita no chão e “fica rolando de dor” até receber socorro. Alguns cortadores de cana, inclusive, chegaram a afirmar que já viram companheiros seus serem levados em macas para ambulâncias devido ao “canguru”. Um trabalhador afirmou que ele próprio carregou certa vez seu companheiro nas costas até a ambulância.<sup>15</sup>

#### 4 O PROCESSO PRODUTIVO E SEU IMPACTO NA SAÚDE DO CORTADOR DE CANA

Conforme Laurell e Noriega,

Os trabalhadores tanto podem adoecer de forma genérica, dependendo do espaço e do tempo histórico em que eles vivem, como também de modo específico, dependen-

<sup>14</sup> Entrevistas realizadas em 21/04/2009 naquele município.

<sup>15</sup> Entrevistas realizadas em 21/04/2009 naquele município.

do do modo como se organiza e realiza o trabalho que eles executam para sobreviver (apud SCOPINHO, 2000, p. 94).

Baseando-se no que essas autoras afirmam, para entender como ocorre o processo saúde-enfermidade entre os trabalhadores cortadores de cana, é necessário, antes de tudo, estabelecer as devidas articulações entre espaço e tempo histórico com o modo como se organiza e se realiza o trabalho.

O pagamento pelo corte da cana é realizado por produção, que, conforme Alves (2008, p. 12), é uma forma de remuneração que “[...] leva aos trabalhadores a terem de assumir o ônus dos baixos salários recebidos”. Isso se dá porque os trabalhadores, intentando alcançar as metas impostas pela usina, chegam aos limites de sua resistência física e mental. No pagamento por produção o trabalhador recebe por peça produzida, a qual tem seu valor previamente fixado. Tome-se por exemplo o caso de um trabalhador que produz cintos; é acordado de antemão que cada cinto produzido vale x; se o trabalhador produzir cinco cintos durante sua jornada de trabalho, ele irá receber o equivalente a cinco vezes. É preciso ressaltar, contudo, que o salário por peça (ou salário por produção) pode ser medido tanto pela quantidade de peças produzida num espaço de tempo quanto pela duração do trabalho (GARNIER apud MARX, 2003, v. II, p. 639). Neste último caso, o trabalhador recebe x por hora de trabalho, sabendo pela prática, já de antemão, qual é o produto médio de uma hora (MARX, 2003, v. II).

O trabalho por produção favorece o capitalista por elevar o grau médio de intensidade do trabalho, pois, ganhando pelo que produz, é do interesse do trabalhador empregar o mais intensivamente possível sua força de trabalho. Buscando produzir mais (portanto, ganhar mais), ele pode sofrer danos – alguns irreversíveis – tanto de ordem física quanto psíquica. Ocorre que nessa forma de pagamento os trabalhadores são incentivados também a concorrerem entre si, pois, como afirma Marx,

No regime de salário por tempo, prevalece, com poucas exceções, salário igual para as mesmas funções, e, no regime de salário por peça, em que se mede o preço do tempo de trabalho por determinada quantidade de produto, o salário diário ou semanal varia com as diferenças individuais dos trabalhadores, de modo que, num determinado espaço de tempo, um produz o mínimo, outro, a média, e terceiro (*sic*), mais do que a média. Surgem grandes diferenças quanto à receita obtida, conforme a habilidade, a força, a energia, a persistência de cada trabalhador individual (2003, p.641).

Com base nisso, foi visto entre os trabalhadores entrevistados que a emulação é algo constante, mesmo sendo rechaçada por alguns e valorizada por outros. Ou seja, é possível encontrar cortadores de cana que, sabendo do impacto do trabalho em seu corpo e das consequências que isso traz, “optam” por não exagerarem, alcançando a média que lhes permite perma-

necer até o fim da safra.<sup>16</sup> Outros já não demonstram tanta preocupação em relação à interação trabalho-saúde e chegam até a concorrer entre si, como dá a entender a fala de um cabo:

O ser humano, eles tem os mais fracos, outros mais fortes. Ninguém sabe por que, se é da genética ou o quê. Tem homem que parece que é feito de aço, trabalha os seis meses sem adoecer, já tem os vizinho dele que quando o sol esquentava mais, vai dá câimbra, que a gente chama canguru. [...] o canguru é detectado que é uma fraqueza daquele corpo que tá tendo, porque o vizinho ele suporta a mesma temperatura e não sente nada. Então ele esforçou-se muito, é como a gente diz, atingiu o limite dele, sem querer deixar o outro ir embora. Entendeu? O outro tá trabalhando e ele não quer, ele não quer deixar o outro. Ao invés de tá com sede, não quer ir tomar água, tá lá geladinho (entrevista realizada em 04/10/2009 no município de Teotônio Vilela/AL) (grifos do autor).

Num e noutro caso o processo de trabalho deixa marcas indeléveis no corpo e na mente dos trabalhadores. Não se pode, contudo, atribuir ao trabalhador a responsabilidade pelas doenças e em alguns casos pelas mortes provocadas no canavial (ALVES, 2008). Se o cortador de cana é levado a atingir os limites de sua resistência físico-psíquica, isso se deve à coerção imposta pelo capitalista articulada com a busca pelo consentimento do trabalhador (ALVES, 2005 apud LIMA; TAVARES, 2009). Este, de certa forma, é “intimado” a ceder diante das condições apresentadas e

Como não consentir quando a sobrevivência está condicionada à venda da força de trabalho? Ao trabalhador assalariado, especialmente ao trabalhador do campo, cada vez mais próximo da pobreza absoluta, não resta outra alternativa que não seja render-se às condições impostas pelo capital (LIMA; TAVARES, 2009, p. 172).

É lícito mencionar aqui a percepção que cortadores de cana locais<sup>17</sup> e também alguns prepostos de usinas têm daqueles trabalhadores chamados, genericamente, de “sertanejos”.<sup>18</sup> Os sertanejos foram identificados como trabalhadores resistentes, fortes, habituados ao serviço árduo. Conforme relatos, são cortadores de cana que apresentam uma alta produtividade, chegando até a descuidarem da própria alimentação para não terem que lidar com “perda de tempo”.<sup>19</sup> Por apresentarem as características há pouco mencionadas, esses trabalhadores têm o respeito e a “admiração” de

<sup>16</sup> Um trabalhador chegou a dizer durante a pesquisa de campo que “queria trabalhar, e não se matar no corte da cana”. Cf. entrevistas realizadas em 11/04/2009 na cidade de Teotônio Vilela/AL.

<sup>17</sup> Os cortadores de cana locais são aqueles trabalhadores que moram nos municípios da região canavieira.

<sup>18</sup> “Sertanejos” é uma denominação genérica para aqueles trabalhadores que vêm de fora da região canavieira. Esses trabalhadores tanto podem vir de fato do sertão alagoano como de outras partes do estado. Cf. Heredia, 1988.

<sup>19</sup> Trabalhadores que chegam a comer em pé para não perderem muito tempo, na fala de um trabalhador local (Entrevista realizada em 11/04/2009 na cidade de Teotônio Vilela/AL).

cabos, gerentes de campo e demais funcionários da usina com certo poder de mando. Padrão (1997), em seu estudo sobre a reestruturação produtiva numa usina localizada na cidade de Coruripe/AL, mostrou que os sertanejos são considerados os melhores cortadores de cana. Por conta disso, esses trabalhadores recebem um tratamento diferenciado, tendo condições as mais propícias para alcançarem os melhores índices de produtividade, como demonstra a fala de um técnico da unidade produtora analisada:

Prá esses sertanejos eu procuro a melhor cana, uma cana em pé, uma cana que não tomba, a cana meio deitada já dificulta para o trabalhador. Prá esses eu dou uma cana que não seja em encosta [...]. Dou uma cana nova, que queima hoje, que não seja resto de cana, sobra de cana de ontem prá hoje. Se for o caso, pago um preço melhor pro pessoal, dou o melhor transporte que tiver (PADRÃO, 1997, p. 140).

Todas essas vantagens encontram um trabalhador disposto a dar o máximo de si, a ser um “campeão de produtividade” (NOVAES, 2007). A especificidade que paira sobre os sertanejos é que são, em considerável quantidade, pequenos produtores na época da entressafra. É por já terem certa prática no trabalho com a roça, ainda conforme o técnico entrevistado, que os sertanejos podem se adaptar “mais facilmente” à atividade laboral desenvolvida nos canaviais (PADRÃO, 1997, p. 140).

O outro lado da moeda é que esses trabalhadores,<sup>20</sup> no intento de, não só alcançar, mas também ultrapassar a média de produtividade imposta pela usina, acabam adoecendo ou mesmo chegando a falecer. Uma ex-cortadora de cana e, atualmente, esposa de um cortador do município de Teotônio Vilela/AL afirmou que entre os anos de 2002 e 2003 (ela não forneceu a data com precisão), houve duas mortes de trabalhadores sertanejos ligados a uma usina da região.<sup>21</sup>

De acordo com Alves (2008), é muito difícil estabelecer um nexo causal entre as mortes ocorridas nos canaviais<sup>22</sup> e o excesso de trabalho. Isso

[...] porque os atestados de óbito desses trabalhadores são vagos e também porque o excesso de trabalho não deixa marcas visíveis externamente (como um trauma), nem internamente, como uma causa química (envenenamento, por exemplo) (p. 12).

---

<sup>20</sup> A proposta desse trabalho não é sustentar que apenas os sertanejos, pela intensidade de seu ritmo de trabalho, estão vulneráveis a sérios problemas de saúde e/ou ao falecimento. Também trabalhadores identificados como “locais” podem vir a sofrer tais efeitos, pois as pesadas exigências de produtividade das usinas são dirigidas a uns e a outros. O destaque dado aqui procura apenas relacionar alguns dados obtidos na pesquisa empírica com aqueles que Padrão (1997) apresenta em seu texto.

<sup>21</sup> Cf. entrevista realizada naquele município em 11/04/2009.

<sup>22</sup> De acordo com o Serviço Pastoral do Migrante, entre as safras 2003/2004 e 2007/2008, 22 trabalhadores morreram por conta de excesso de trabalho nos canaviais de São Paulo (apud ALVES, 2008, p. 11).

Por conta disso, as usinas geralmente negam que a morte por exaustão tenha ocorrido, de fato, por esse motivo. Alguns prepostos sustentam que muitas vezes o trabalhador já chega adoentado ao local de trabalho, sendo a morte decorrente de “algo dele mesmo”.<sup>23</sup>

Com essa postura, as usinas transferem para o trabalhador a responsabilidade pelos problemas que venham a acontecer durante o processo de trabalho. O adoecimento e até mesmo a morte provêm, na visão dos prepostos das usinas, da falta de cuidado do trabalhador com a sua saúde. Eles não atentam, contudo, para o fato de que o trabalhador pode vir a adoecer e/ou morrer dependendo do espaço e do tempo histórico em que ele vive, mas também por conta da forma como se organiza e realiza seu trabalho, tal qual foi exposto no início deste texto. Desse modo, fica evidente que a maneira como é realizado o corte da cana, estando aí incluídas as exigências e pressões sobre o trabalhador, mina suas forças e o torna bastante suscetível às enfermidades e ao óbito.

O resumo do quadro, com base no exposto, é o seguinte: se, por um lado, a usina faz com que os trabalhadores cheguem ao limite de sua resistência físico-mental, aumentando paulatinamente a média<sup>24</sup> de produtividade, inserindo novas exigências no processo de corte da cana e captando a subjetividade dos canavieiros por meio de prêmios e menções honrosas, por outro lado, quando de acidentes ou mortes ligados à falta de segurança no trabalho ou mesmo ao esgotamento decorrente do ritmo pesado das atividades realizadas no canavial, ela apela para problemas de ordem pessoal, dando a entender que um provável descuido do trabalhador em matéria de saúde é a causa de tais acontecimentos.

Tanto os trabalhadores locais quanto os sertanejos devem realizar o corte da cana de acordo com um rígido padrão de qualidade. Não basta cortar, é preciso saber cortar; essa frase aponta para a nova faceta do trabalho realizado nas plantações de cana.

De acordo com Padrão (1997), há agora nas usinas o estabelecimento de programas de avaliação sistemática do desempenho de homens e de máquinas. O manuseio de tecnologias que fornecem precisas evidências quantitativas faz que as gerências das usinas transformem práticas de trabalho que serão doravante tidas como “tradicionais”. O corte da cana, afir-

<sup>23</sup> Cf. o trabalho dos cortadores de cana, 2006.

<sup>24</sup> Conforme um cortador de cana que trabalhou por muito tempo na Usina Sinimbu – sendo que ele trabalha no corte da cana há trinta e nove anos –, localizada no município de Jequiá da Praia/AL, até um certo tempo (provavelmente até os anos 80 ou 90, pois ele não especificou a data) ele não recebia ordens, naquela unidade, para cortar uma quantidade x ou y de cana; a pessoa cortava “aquilo que podia”. Depois de algumas mudanças aplicadas no campo e na parte industrial da usina, passaram a exigir uma produtividade de quatro toneladas diárias (Entrevista realizada na cidade de Teotônio Vilela em 21/04/2009). Já na Usina Seresta (Teotônio Vilela/AL) o teto mínimo a ser atingido era de seis toneladas por dia na safra 2008/2009 e de seis toneladas e meia na safra 2009/2010. Os trabalhadores que não alcançam as médias estabelecidas ou são dispensados ou não são selecionados na safra seguinte (entrevista realizada com um preposto da usina no referido município em 04/10/2009).

ma o autor, “[...] passou a envolver uma seqüência de movimentos muito além daquela diretamente relacionada ao ‘cortar cana’” (p. 142). Dessa forma, o trabalhador deve efetuar o corte segundo padrões rigidamente determinados, como, por exemplo: cortar a cana bem rente ao solo, cortar sua extremidade (a “ponteira”) no local exato, de modo a evitar a perda de matéria-prima; feito isso, lançar a cana cortada a uma distância padrão, formando fileiras “limpas” (sem canas à sua volta), devendo estas estar bem espaçadas (para evitar mudanças no trajeto das máquinas carregadeiras) e com as palhas bem afastadas, impedindo que estas sejam recolhidas junto com a cana (idem).

O cortador de cana é, portanto, um trabalhador polivalente. É preciso mencionar também que algumas usinas de Alagoas têm suas plantações de cana em terrenos acidentados. Somado ao fato de que o trabalhador realiza o corte da cana em condições bastante desconfortáveis (o fator declividade do solo vem aqui complementar o conjunto das cargas laborais já exposto em páginas anteriores), há ainda necessidade de ele levar aquele produto até um local em que a máquina carregadeira possa ser utilizada. A expressão “cortar cana” nem de longe, nas atuais condições em que o trabalho é realizado, é capaz de explicitar a série de atividades desgastantes que o sujeito deve desempenhar no canavial.

Para ficar mais claro como se “organiza” e se “realiza” o trabalho no corte da cana e como tais fatores podem interferir diretamente nas condições de saúde dos trabalhadores, é forçoso tratar aqui da dimensão do espaço físico destinado a cada canavieiro num dia de trabalho. De acordo com Alves (2008), o trabalhador deve retirar do solo a cana existente num retângulo<sup>25</sup> de seis metros de largura por um comprimento que depende de sua resistência (p. 9). Ele argumenta ainda que “no estado de São Paulo prevalece o eito de 5 ruas ou 5 linhas (que são as linhas onde a cana é plantada). Cada linha (ou rua) está espaçada da outra por uma distância de 1,5 metro” (idem). Deve ser ressaltado, porém, que há possíveis variações na quantidade de ruas (ou fileiras de cana). Provavelmente em São Paulo o eito de cinco ruas é a única forma ou pelo menos a forma predominante de eito. Em Alagoas, por seu turno, há trabalhadores que chegam a cortar cana em eitos de sete, nove e onze ruas.<sup>26</sup>

O esforço para desempenhar todas as atividades há pouco mencionadas é muito maior num eito com essas proporções. Como o trabalhador deve cortar as canas e levá-las até o centro do eito para que a máquina possa recolhê-las, num eito de sete ruas, por exemplo, haverá um maior

<sup>25</sup> O espaço que compreende o retângulo de seis metros de largura por um comprimento que varia de trabalhador para trabalhador é apontado por Alves (2008) como “eito”. Termo bastante usado pelos trabalhadores, a definição que lhe dá o referido autor não está muito distante da de Heredia (1988) – cf. Nota 3.

<sup>26</sup> Entrevista realizada com um cortador de cana residente no Conjunto Denisson Menezes – Maceió, em 20/07/2009.

dispêndio de energia e o trabalho se tornará mais degradante. Desse fato depreendem-se duas afirmações: (1) num eito com mais de cinco ruas os usineiros só têm a lucrar, pois as canas ficam mais concentradas e em um número menor de fileiras amontoadas, o que economiza o tempo de trabalho das carregadeiras que levam a cana para os caminhões e possibilita, conseqüentemente, uma diminuição dos gastos com combustível; além disso, com a redução no número de fileiras amontoadas, o que faz que a distância entre uma fileira e outra seja maior, há uma maior proteção da cana contra as impurezas provenientes da arrumação e do transporte; (2) trabalhando nos “eitos gigantes”, o cortador de cana alagoano eleva o seu dispêndio de energia, pois o centro do eito em que deve ser jogada a cana torna-se bem mais distante de onde ele está (VERÇOZA, 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma passagem considerada das mais marcantes em *O Capital* é a que afirma não interessar “[...] ao possuidor do dinheiro saber por que o trabalhador livre se defronta com ele no mercado de trabalho, não passando o mercado de trabalho, para ele, de uma divisão especial do mercado de mercadorias” (MARX, 2003, vol. I p. 199). A referida asserção marxiana expressa bem o que se tentou averiguar neste estudo. Em outro trecho, Marx sustenta que ao capitalista não importam as condições de saúde de seus trabalhadores, mas tão somente a capacidade destes de lhe gerar divisas.

A análise do modo como o trabalho no corte da cana repercute na saúde dos canavieiros reforça as teses apresentadas no parágrafo anterior. O cortador de cana tem que lidar com jornadas de trabalhos extenuantes, nas quais predomina um método produtivo obsoleto que estrofia seu corpo. As longas jornadas de trabalho durante a safra e o método de pagamento por produção se aliam a fatores minimamente discutidos nos parágrafos antecedentes, como o sol escaldante, a fuligem e o cheiro nauseante da cana queimada, o risco de acidentes com animais peçonhentos e produtos agrotóxicos, o transporte em veículos em situação precária etc. Como bem escreveram Lima e Tavares (2009), as relações de trabalho na agroindústria canavieira do Brasil ainda são marcadas pelo atraso (p. 174).

É preciso prestar atenção – retomando uma idéia que foi desenvolvida no decorrer do texto – ao modo como se articulam espaço e tempo histórico com a organização e realização do trabalho. É sabido que há uma dívida do setor agroindustrial canavieiro alagoano com a região da zona da mata – de modo particular –, onde está localizada, hoje em dia, a maioria das usinas de açúcar e álcool do Estado (CARVALHO, 2000). Ali é possível encontrar alguns dos índices de desenvolvimento humano mais defasados de Alagoas. Ao que parece, a modernização do complexo agroindustrial

canavieiro do Brasil não tem melhorado a vida daqueles que vendem sua força de trabalho aos proprietários das unidades produtoras. Com isso é possível notar certa conformidade de interesses, visto que, sendo o trabalhador presa de padrões aviltantes de vida, fica mais fácil explorá-lo (LIMA; TAVARES, 2009).

De início faz-se necessário lutar pela melhoria das condições laborais na agroindústria canavieira. Historicamente esse setor vem fazendo uso mão de medidas retrógradas para manejar as relações de trabalho. Ontem como hoje os trabalhadores vêm sendo desrespeitados não apenas em seus direitos adquiridos por meio de anos de luta, mas até mesmo em sua humanidade, como bem assinalou Garcia (2007).

As melhorias passam pelo cumprimento da Norma Regulamentadora Nº 31, que procura regularizar e tornar salubre o trabalho no âmbito rural. Essa tarefa não pode e não deve ficar a cabo somente dos empregadores e/ou do próprio Estado. Cabe aos trabalhadores se organizarem e fiscalizarem as ações que venham a incidir diretamente em seu trabalho, as quais repercutem conseqüentemente em sua saúde. Foi visto durante as entrevistas que a representação sindical dos trabalhadores rurais tem caído numa espécie de assistencialismo e, mesmo assim, muito falto.<sup>27</sup> A luta política tem dado lugar a acordos que não trazem mudanças significativas para os que vivem da venda de sua força de trabalho para o setor sucroalcooleiro alagoano. Por outro lado, têm acontecido desde 2007 protestos, diga-se, espontâneos, de trabalhadores rurais insatisfeitos com o que vem ocorrendo nas usinas. Tais protestos têm ocorrido por conta de atraso nos pagamentos, falta de segurança durante o trabalho e ausência de idoneidade no momento de calcular a produtividade do trabalhador, entre outras coisas. Muitas vezes sem apresentar uma liderança, as referidas manifestações têm conseguido chamar a atenção para problemas que há muito vêm atingindo os cortadores de cana. Um estudo sobre as formas de resistência dos canavieiros poderá explorar melhor esses acontecimentos e mostrar sua importância para uma possível superação do estado atual em que esses mesmos trabalhadores se encontram.

Por fim, como escreveu Couto (1990), uma mudança real nas condições de vida e de trabalho dos cortadores de cana passa por uma modificação nas condições sociais que embasam o processo produtivo e nas condições materiais por meio das quais se organiza o processo de trabalho (p. 21).

---

<sup>27</sup> O sindicato foi apresentado pelos trabalhadores como uma instituição prestadora de “serviços” a seus associados, serviços esses como consulta odontológica, exames de visão etc. Ainda segundo os trabalhadores, nem sempre o sindicato é atuante nos referidos quesitos. Sobre sua atuação política, foi visto que esta se limita a poucos acordos com a representação da usina; não há, ainda, projetos que venham mostrar ao trabalhador a importância transformativa que tem sua participação efetiva no sindicato. Cf. entrevista realizada em 04/10/2009 na cidade de Teotônio Vilela/AL.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSI, Neiry Primo; NAVARRO, Vera Lucia. Saúde e trabalho rural: o caso dos trabalhadores da cultura canavieira na região de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 13 (Supl. 2): 111-121, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v13s2/1368.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

ALVAREZ, Lugardo; INFANTE, Nohemy B. de *Los procesos de trabajo y salud-enfermedad: una relacion dialectica*. 1987. Disponível em: [http://hist.library.paho.org/Spa\\_nish/EMS/911.pdf](http://hist.library.paho.org/Spa_nish/EMS/911.pdf). Acesso em: 9 out. 2010.

ALVES, Francisco. Processo de trabalho e danos à saúde dos cortadores de cana. *Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente (InterfaceEHS)*. 2008. Disponível em: [http://www.interfacehs.sp.senac.br/images/artigos/145\\_pdf.pdf](http://www.interfacehs.sp.senac.br/images/artigos/145_pdf.pdf). Acesso em: 13 nov. 2009.

CARVALHO, Cícero Péricles de Oliveira. *Análise da reestruturação produtiva da agroindústria sucroalcooleira alagoana*. Maceió: EDUFAL, 2000.

COUTO, Lúcia. Saúde e trabalho: as especificidades do urbano e do rural. *Travessia: Revista do migrante*, São Paulo, ano III, nº 8, p. 18-21, set./dez. 1990

ENGELS, Federico. *La situación de la clase obrera en Inglaterra*. México, D.F: Cultura Popular, 1977.

GARCIA, Gustavo Filipe Barbosa. Relações de trabalho no setor canavieiro na era do etanol e da bioenergia. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região*, nº 30, 2007.

GONÇALVES, Roberto. Cultura da cana invade a região Agreste. 2008. Disponível em: <http://www.alagoas24horas.com.br/conteudo/index.asp?vEditoria=Agricultura&vCod=40231>. Acesso em: 22 jul. 2010.

HEREDIA, Beatriz Alasia de. Formas de dominação e espaço social: a modernização da agroindústria canavieira em Alagoas. São Paulo: Marco Zero/ Brasília, DF: MCT/CNPq, 1988.

LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Trad. de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Didier Martin. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIMA, Roberta Oliveira Trindade de; TAVARES, Maria Augusta. A “liberdade” do trabalho e as armadilhas do salário por peça. *Revista Katál*. Florianópolis. Vol. 12, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v12n2/06.pdf>. Acesso em 23 ago. 2010.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Livro I, vol. I.

\_\_\_\_\_. *O Capital: Crítica da Economia Política*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Livro I, vol. II.

MARX, Carlos. *El Capital*. México, D.F: Fondo de Cultura Económica, 1973. vol. I y III.

MIGRANTES. Direção: Beto Novaes, Francisco Alves e Cleisson Vidal. Realização: DEP-UFSCar, IE-UFRJ, CCH-UFMA e CCHL-UFPI. Produção: MP-2, 2007. 1 filme (46 min. 15 seg.), son, col.

NOVAES, José Roberto Pereira. Campões de produtividade: dores e febres nos canaviais paulistas. *Estudos Avançados/USP. Instituto de Estudos Avançados*. Vol. 21, n. 59 (2007). São Paulo: IEA, 2007, p. 167-177.

O Trabalho dos Cortadores de Cana. Profissão Repórter. Rede Globo, 14 mai. 2006. Programa Jornalístico.

PADRÃO, Luciano Nunes. O trabalho na cana-de-açúcar: reestruturação produtiva e novas práticas gerenciais. 1997. Disponível em: [http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v11n01/v11n01\\_14.pdf](http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v11n01/v11n01_14.pdf). Acesso em: 11 dez. 2008.

PLANCHEREL, Alice Anabuki et alii. O “canguru” no universo canavieiro alagoano: saúde e precarização do trabalho na agroindústria açucareira. Estudos do Trabalho: Revista da Rede de Estudos do Trabalho (RRET). Ano IV – Número 7 – 2010. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/08RevistaRET7.pdf>. Acesso em 22 dez. 2010.

PROCURADORIA Regional do Trabalho/PRT, 19ª Região, AL. PRT intervém, fecha acordo, e trabalhadores liberam rodovia. 03/11/2007. Disponível em: [http://www.prt19.mpt.gov.br/informativo/2007/out\\_2007/cortadores\\_de\\_cana.htm](http://www.prt19.mpt.gov.br/informativo/2007/out_2007/cortadores_de_cana.htm). Acesso em: 15 nov. 2007.

\_\_\_\_\_. PRT encerra protesto de cortadores de cana após fechar acordo com usina. 18/12/2007. Disponível em: [http://www.prt19.mpt.gov.br/informativo/2007/dez\\_2007/uruba.htm](http://www.prt19.mpt.gov.br/informativo/2007/dez_2007/uruba.htm). Acesso em: 21 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. Juiz dá prazo à Usina Santa Clotilde enquanto trabalhador sofre maus tratos. 03/03/2008. Disponível em:

[http://www.prt19.mpt.gov.br/informativo/2008/mar/juiz\\_prazo\\_usina.htm](http://www.prt19.mpt.gov.br/informativo/2008/mar/juiz_prazo_usina.htm). Acesso em: 15 ago. 2008.

\_\_\_\_\_. Força-tarefa fiscaliza mais quatro usinas e encontra irregularidades. 11/03/2008. Disponível em: [http://www.prt19.mpt.gov.br/informativo/2008/mar/insp\\_taquara\\_portoalegre.htm](http://www.prt19.mpt.gov.br/informativo/2008/mar/insp_taquara_portoalegre.htm).

SANTOS, Charles dos. “Serviço pesado”: uma análise das condições de saúde do trabalhador canavieiro alagoano. 2009. Disponível em: [http://xivciso.kinghost.net/artigos/Artigo\\_307.pdf](http://xivciso.kinghost.net/artigos/Artigo_307.pdf). Acesso em: 26 jun. 2010.

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. Qualidade total, saúde e trabalho: uma análise em empresas sucroalcooleiras paulistas. RAC, v. 4, n. 1, jan./abr. 2000: p. 93-112. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v4n1/v4n1a06.pdf>. Acesso em: 15 out. 2010.

SORIANO, Raúl Rojas. *Sociología médica*. México: Plaza y Valdés, 2009.

SOUTO, Daphnis Ferreira. *Saúde no trabalho: uma revolução em andamento*. Rio de Janeiro: Senac Nacional/ SESC, 2003.

VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de. *Trabalho do adeus: métodos contemporâneos de exploração da força de trabalho na agroindústria canavieira de Alagoas*. 2009. Monografia (Conclusão do curso de Ciências Sociais – bacharelado/licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas, Natal.

ZAFALON, Mauro. Cortadores de cana têm vida útil de escravo. 2007. Disponível em: [http://www.reluita.org/internacional/ddhh/cortadores\\_cana\\_escravo.htm](http://www.reluita.org/internacional/ddhh/cortadores_cana_escravo.htm). Acesso em: 15 out. 2009.